

GES
PCP



ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

DOIS PRESOS DO COUÇO EM PERIGO!

MARIA CUSTÓDIA e "O FILHO DO ANTÓNIO CHICO", presos a 27 de Abril, têm sido barbaramente torturados pelos assassinos da PIDE. MARIA CUSTÓDIA tem entrado em Caxias várias vezes em braços e com o corpo cheio de nódoas negras. Algumas vezes foi atirada para dentro da sala sem sentidos! Tem sido espancada a cavalo-marinho e com uma borracha por grupos de agentes. "O FILHO DO ANTÓNIO CHICO" tem sido muito agredido. Corre que a PIDE lhe partiu um braço, e tem alguns músculos aleijados! Estes dois presos andam-se a tratar dos maus tratos policiais. Por a PIDE o recusar, ainda não tiveram visitas dos seus familiares; estão há 5 meses isolados.

Trabalhadores do Couço! Operários agrícolas do Sul! Protestemos todos contra estes crimes. Enviemos cartas de protesto ao governo e à PIDE. — QUE ACABEM OS MAUS TRATOS DA POLÍCIA! ABAIXO A REPRESSÃO E A PIDE!

MAGNÍFICA VITÓRIA DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS!

MUITOS MILHARES DE TRABALHADORES DO SUL CONQUISTARAM AS 8 HORAS

VIVA A UNIDADE E A FIRMEZA DOS TRABALHADORES!

Operários agrícolas! «O CAMPONÊS» sauda-vos fraternalmente pela importante vitória que acabastes de conquistar.

O horário das 8 horas é uma aspiração profundamente sentida dos trabalhadores. De há muito que os operários agrícolas vêm lutando firmemente contra o vergonhoso horário de sol a sol, mas os grandes latifundiários e o governo de Salazar têm negado, pela violência, esta justa e humana reivindicação dos assalariados agrícolas. A conquista das 8 horas, no mês de Maio de 1962, é, sem dúvida, uma grande vitória política dos trabalhadores agrícolas. Eles sabiam que os agrários e o seu governo não as dariam de livre vontade. Era necessário arrancá-las através da luta unida, organizada e firme.

O mês de Maio de 1962 ficará sendo uma data memorável na luta dos operários agrícolas do Sul. A conquista das 8 horas e de salários mais elevados, por centenas de milhares de trabalhadores, foi

efectivamente uma valiosa contribuição para a Unidade dos trabalhadores e para a luta contra o fascismo. Os valentes operários agrícolas souberam escolher o momento oportuno: O começo das ceifas, dos arrozais e as jornadas pela liberdade de 1 e 8 de Maio.

Os bravos trabalhadores do Alentejo Litoral foram os primeiros a dar o arranque. Nas regiões de Alcácer do Sal, de Grândola, de Ermidas, de Sinés, de Alvalade, de Santiago, do Torrão, etc.; no mês de Abril, realizaram importantes reuniões, onde discutiam as 8 horas, 30\$00 para homens, 20\$00 para mulheres e a comemoração do 1º de Maio. No dia 2 de Maio, depois da paralização geral do dia 1, mais de 35 mil trabalhadores, implantaram o seu verdadeiro horário.

Na 2ª semana de Maio, os trabalhadores das regiões de Montemor-o-Novo, de Escoural, de S. Cristóvão, de Alcáçovas, de Viana do Alentejo, de Portel, de S. Manços,

de Évora, de Azaruja, de Móra, do Couço, de Cabeção, e outros, lançaram-se em greve, durante vários dias conquistando as 8 horas e 40\$00.

Em Montargil, foram conquistadas no fim de Abril. No decorrer do mês de Maio o movimento foi-se alargando. Assim, na última semana de Maio, milhares de trabalhadores da região de Coruche, de Benavente, das Cortiçadas, de S. Torcato, de Salvaterra, de Vendas Novas, da Ponte de Sôr, do Vimieiro, de Arraiolos, de Avis, de Benavila, de Alcórrego, do Cano, de Casa Branca, de Sousel, lançaram-se em greve durante vários dias, conquistando o horário das 8 horas e jornas de 36\$00 a 40\$00 para os homens e de 20\$00 a 30\$00 para as mulheres.

Seguindo o justo caminho dos seus companheiros, os operários agrícolas de Setúbal, de Palmela, de Azeitão, de Coima, do Pinhal Novo, da Moita, do Montijo, etc., arrancaram, também pela luta, as 8 horas. Esta vitória não foi fácil.

Custou muitos sacrifícios. Custou prisões, espancamentos e despedimentos. Só a grande amplitude, que o movimento rapidamente ganhou, obrigou os latifundiários a ceder. Estes desde a primeira hora lutaram para o seu governo e para as forças repressivas, incluindo a PIDE, que actuaram brutalmente contra os trabalhadores. Em Vendas Novas, Coruche, Ponte de Sôr, Arraiolos, Benavila, Palma, Torrão, Grândola, Ermidas, etc., deram-se choques com as forças repressivas e houve muitas prisões. Muitos dos nossos companheiros estão presos em Caxias e no Aljube de Lisboa.

Os grandes latifundiários em Alcácer, Grândola, Évora, Coruche, Avis, etc., fizeram mesmo reuniões com as autoridades e forças repressivas. Mas mais uma vez se provou que **OS TRABALHADORES — UNIDOS E ORGANIZADOS — SÃO UMA GRANDE FORÇA.**

NOTA

Por dificuldades várias, «O CAMPONÊS» não pôde sair nos meses de Junho, Julho, Agosto, e Setembro. Por isso, a separata N.º 94 publicada em Junho-Julho, é transcrita neste número.

FOI A ORGANIZAÇÃO, A UNIDADE E A COMBATIVIDADE DOS TRABALHADORES, A ARMA DA VITÓRIA

Não foram os latifundiários ou o governo de Salazar a oferecer as 8 horas. Bem ao contrário, eles nem querem pensar que têm agora que dar um novo horário. Eles estão acostumados a explorar os trabalhadores de dia e de noite. Por outro lado, os latifundiários estão preocupados com a experiência e con-

clusões que os trabalhadores possam tirar desta importante conquista.

Foram as reuniões de trabalhadores, grandes e pequenas; foram as discussões travadas; foi a existência e a actuação das Comissões de Unidade; foi a acção de esclarecimento de «O CAMPONÊS»; foi

toda uma grande série de lutas anteriores, foi enfim, a combatividade das massas a força decisiva que arrancou dos agrários as 8 horas e os salários mais elevados. Importa que cada trabalhador tire o máximo de experiência desta grande luta vitoriosa e a saiba aplicar em lutas futuras.

É necessário consolidar a vitória e continuar a lutar

Trabalhadores! Homens, mulheres e jovens! Os grandes agrários não se querem conformar com a ideia das 8 horas e um salário mínimo. Eles vão recorrer a tudo para reganhar as suas posições antigas. Vão fazer despedimentos em massa, recorrer às forças repressivas, lançar o terror, etc., etc. Os agrários Marques Ratão e Artur de Carvalho, da região de Avis, largaram o gado às searas. Outros agrários ameaçam fazer o mesmo, só para não darem o horário das 8 horas. Não deixemos abalar das nossas mãos esta conquista. A ARMA COM QUE A GANHAMOS DEVE SER A MESMA ARMA PARA A DEFENDERMOS. A luta pelas 8 horas não para. Vai-se prolongar por alguns tempos. Mobilizemos os nossos companheiros

daquelas terras onde ainda trabalham de sol a sol para conquistarem o seu verdadeiro horário. Combatamos firmemente a teoria de que as 8 horas não se adaptam ao trabalho do campo. Se porventura houver serviços a que não convém pegar às 8 e despegar às 17, devem ser os trabalhadores a resolver de acordo com cada caso concreto. Não é fundamental pegar obrigatoriamente às 8 e despegar às 17 horas, o que é necessário é não se trabalhar mais que as 8 horas.

É necessário fazer pressão junto do governo para a legalização das 8 horas e do salário mínimo. Para isso é preciso fazer concentrações nas Casas do Povo e enviar cartas e abaixo-assinados ao Ministro das Corporações exigindo a sua oficialização. Não consin-

tamos que nos tirem as 8 horas. Que ninguém trabalhe de sol a sol. Exijamos 5\$00 à hora para os homens e 3\$50 para as mulheres.

TRABALHADORES DO CAMPO! De novo o desemprego está a bater à nossa porta. É a fome que chega para nós e os nossos filhos com o fim das ceifas. Lutemos por trabalho, por pão para nós e nossas famílias. Que nenhum trabalhador aceite o desemprego de braços cruzados.

Alarguemos e fortaleçamos mais e mais a nossa ORGANIZAÇÃO e UNIDADE. Continuemos com as reuniões de trabalhadores. Criemos em todas as terras comissões de unidade para a luta contra o desemprego.

UNIDOS E BEM ORGANIZADOS, VENCEREMOS!

Independência para as Colónias!

Como temos dito, a guerra que o salazarismo faz aos povos das colónias, acompanhada das barbaridades mais cruéis, é uma guerra criminosa e insensata que está irremediavelmente condenada à derrota. Os salazaristas e os colonialistas não querem largar as imensas riquezas que possuem nas colónias. Gritam aos quatro ventos que «Portugal não tem colónias», que Angola, Moçambique, Guiné, etc., são «provincias», que os pretos gozam de direitos iguais aos brancos, que «não há discriminação racial», etc., etc.. Que propaganda mais falsa e mais hipócrita! Os salazaristas praticam o colonialismo mais feroz, exercem a exploração, a pilhagem e a repressão mais brutal contra os povos coloniais.

Se assim não é, por que nega Salazar a Independência às colónias, recusando-se a ouvir a voz dos seus povos, do povo Português e da opinião pública mundial?

Se assim não é, por que faz Salazar uma guerra de extermínio nas colónias, mobilizando dezenas de milhares de soldados para lá?

(continua na 2ª pág.)

Enquanto o fascismo gasta 20 mil contos por dia com a guerra e Angola, há em todo o Alentejo R batejo milhares e milhares de trabalhadores sem trabalho, gerando com fome e miséria. São os agrários e o governo de Salazar os causadores desta desgraçada situação. Frente ao desemprego e à fome, só temos um caminho: UNIRMO-NOS, ORGANIZARMO-NOS E LUTARMOS DECIDIDAMENTE POR TRABALHO PARA TODOS.

BALEIZÃO—Depois de em Julho, mais de 200 trabalhadores terem assinado uma carta ao Governador Civil de Beja, reclamando trabalho, as 8 horas e melhores salários, em Agosto, mais de 400 trabalhadores enviaram uma exposição assinada, exigindo igualmente trabalho, as 8 horas e melhores salários. Os operários agrícolas têm-se concentrado na Casa do Povo e exigido trabalho e condições.

MONTEMOR-O-NOVO—Em Agosto, concentraram-se por duas vezes na Câmara, 150 trabalhadores exigindo trabalho. Foi-lhes oferecido trabalho para a estrada a 25\$00 e 10 horas. Os trabalhadores não aceitaram, reclamaram o horário das 8 horas. Na 1ª semana de Setembro concentraram-se na Casa do Povo mais de 200 trabalhadores exigindo trabalho, 4\$00 à hora e as 8 horas. Como a Casa do Povo não resolvia nada, uma comissão de 16 foi falar com o Presidente da Câmara. Este respondeu que a 25\$00 e de sol a sol havia muito trabalho. Os trabalhadores reclamaram com firmeza as 8 horas e que tinham direito a elas. A luta continua.

Por conta do agrário João Nunes, ceifava arroz um rancho de 100 pessoas, a 25\$00 e 8 horas. Na 2ª semana, o agrário tentou tirar as 8 horas. O rancho pegou no trabalho, mas unidos, entraram a fazer "cera". Em vez de se ceifar 5 canteiros, ceifava-se apenas 1. O agrário teve que recuar e dar as 8 horas. Belo exemplo de unidade e firmeza a seguir por outros ranchos!

AVÍS—Em Julho concentraram-se na Câmara 100 desempregados exigindo trabalho. O Presidente respondeu clinicamente para os trabalhadores que eles não queriam trabalhar! Eram uns revoltosos! A seguir apareceu o tenen-

te com o bengalim no ar e a ameaçar os trabalhadores.

IGREGINHA (ARRAIOLOS)—Os agrários resolveram tirar as 8 horas e baixar a jorna de 28 para 21\$00. Todos os trabalhadores declararam-se em greve, e reclamando as suas condições.

COUÇO—Os trabalhadores, em especial as mulheres, têm lutado e defendido as 8 horas. Actualmente há 9 agrários que não dão este horário.

ALCÁCER DO SAL—O agrário João Nuncio, tentou tirar as 8 horas ao pessoal de uma máquina debulhadora. Os trabalhadores recusaram-se a trabalhar de sol a sol. A GNR e a PIDE prenderam 6 trabalhadores que foram interrogados no posto da GNR pela PIDE. Passadas 48 horas foram postos em liberdade o agrário teve que dar as 8 horas.

PALMA—Os donos deste grande condado queriam que os tractoristas carregassem cortiça para a pilha de sol a sol. Como os tractoristas se recusassem, tentaram impor outra condição: pegarem às 8 e largar ao pôr do sol pagando apenas 2\$50 à hora. O pessoal recusou, exigindo as 8 horas e 5\$00 à hora.

Pela sua luta conseguiram as 8 horas, mas não conseguiram os 5\$00 à hora.

TRABALHADORES! Multipliquemos estas acções por todo o lado. Organizemos a luta por trabalho, pelas 8 horas, por melhores salários.

A nossa luta só poderá ser vitoriosa e vencer a resistência dos nossos inimigos, se assentarmos numa forte organização e unidade da nossa classe, expressa em Comissões de Unidade, em reuniões de massas, em concentrações nas Casas do Povo, Câmaras etc, assim como a luta diária nos ranchos e junto dos agrários.

SOLIDARIEDADE

«O CAMPONÊS» agradece fraternalmente à Federação Sindical Mundial a solidariedade moral e material prestada às vítimas da repressão fascista de Salazar. A solidariedade é uma bela prova de ajuda e apoio, à luta do povo Português contra o fascismo e pela Democracia.

Independência para as Colónias!

(continuação da 1ª pág.)

Só de Março a Julho (segundo dados oficiais) partiram para as colónias mais nove contingentes militares.

Se assim não é, nor que abdica Salazar a Independência Nacional ao imperialismo estrangeiro, em troca de auxílio à guerra das colónias? Em Julho do ano corrente o governo pediu ao estrangeiro um empréstimo de 1 milhão e 300 mil contos, só para a guerra colonial! Em Agosto contraiu um novo empréstimo de 1 milhão e 650 mil contos!

Se assim não é, por que vende Salazar, em Setembro deste ano, mais, 100 mil moçambicanos à África do Sul para trabalharem como escravos nas minas de ouro?

JOVENS DO CAMPO! Organizemo-nos contra a guerra colonial. Salazar transformou a nossa juventude em carne de canhão. Os grandes colonialistas enchem os

seus cofres à custa do sangue dos nossos jovens, filhos dos trabalhadores e do nosso povo.

Os jovens com idade de irem para a tropa, têm a vida ameaçada. Salazar rouba-lhes a vida nas colónias para enriquecer os grandes capitalistas nacionais e estrangeiros.

Formai comités de jovens por todo o lado para esclarecer todos os jovens a tomarem posição organizada contra a guerra. Nos quartéis, os jovens militares, devem-se organizar para não partirem para as colónias. A luta dos povos coloniais é a luta pela Independência, pela Liberdade, pela Paz, contra a exploração e a opressão e pelo progresso.

Independência às Colónias!
Nem mais um soldado para fora!
Regresso dos soldados que se encontram nas colónias!
Abaixo a guerra!

Este ano, em quase todo o Alentejo, a luta das ceifas teve um aspecto novo e muito importante.

Os ceifeiros aliaram às ceifas a luta pela conquista das 8 horas e, dum modo geral, conquistaram-nas em quase todo o Alto e parte do Baixo. Onde se conquistou as 8 horas, a jorna geral foi de 40\$00 para homens e 20\$00 para as mulheres.

Em Baleizão, zona de Beja, Torão, Alcáçovas, zona de Montemor-o-Novo, Viana do Alentejo, Portel, S. Manços, zona de Évora, Arraiolos, Vimieiro, Pavia, Couço, etc, a jorna foi de 40\$00 para homens e 20\$00 e 25\$00 para as mulheres e 8 horas. Em Montargil houve jorna de 45 e 50\$00 e as 8 horas. Em Pégões e Vendas Novas houve jorna de 45\$00 e as 8 horas. Em Estremoz, houve muitas contratações; saíram a 900\$00 e a 1.000\$00 para homens e 550\$00 para mulheres, comidos, 30 dias e de sol a sol. Na zona de Avís as jorna foram 30 e 36\$00 para homens e 20 e 25\$00 para as mulheres e as 8 horas. Na margem esquerda do Guadiana, onde não se conquistou as 8 horas, as jorna gerais foram de 30, 35 e 38\$00 para os homens e 20 e 25\$00 para as mulheres. Em Vale de Vargo e A. Nova houve

seareiros que pagaram 40 e 45\$00.

Em Rio de Moinhos (Aljustrel), 80 ceifeiros formaram uma comissão de 20 e foram ao posto da GNR do concelho reclamar trabalho, pois estavam sem ceifa, e as máquinas andavam a ceifar. À tarde houve uma reunião com o Presidente da Câmara e alguns lavradores e três ceifeiros escolhidos pelos 20. Um lavrador garantiu trabalho para os 20, mas logo os três responderam que eles representavam 80 que estavam na terra sem emprego. Foi arranjado trabalho para todos.

Em Baleizão, como muitos ceifeiros estavam sem trabalho e as máquinas andavam a ceifar, os trabalhadores dirigiram uma exposição ao Governador Civil, assinada por mais de 200 pessoas, reclamando trabalho, 8 horas e melhores jorna.

As acções desenvolvidas nas ceifas deste ano trouxeram novas experiências à nossa luta. Saibamos aplicá-las em lutas futuras. A grande arma dos trabalhadores é a unidade, a organização e a combatividade. Foi essa arma que garantiu a conquista das 8 horas e duma jorna certa para toda a ceifa em algumas regiões.

V CONGRESSO SINDICAL MUNDIAL

De 4 a 15 de Dezembro, realizou-se em Moscovo o V Congresso Sindical Mundial, com a presença de cerca de mil delegadas, representando 143 MILHÕES DE TRABALHADORES (mais de 70 por cento dos trabalhadores sindicalizados) de 97 países de todos os continentes. Este congresso foi um grande acontecimento para os trabalhadores de todo o mundo. Rompendo as dificuldades e o cerco salazarista, uma delegação Portuguesa participou activamente no congresso. A sua intervenção recebeu imensos aplausos de todos os congressistas. Os baixos salários, a fome, a desenfreada exploração, o desemprego, a falta de li-

berdades sindicais, a brutal repressão contra os trabalhadores, etc, etc, impostos pela ditadura fascista; assim como a heroica luta da classe operária e do povo Português pela democracia e contra Salazar, foram amplamente divulgados ante o congresso.

Nos encontros com outras delegações, a nossa foi sempre carinhosamente recebida e ouvida.

«O CAMPONÊS», em nome de todos os trabalhadores do campo, saudou fraternalmente a delegação Portuguesa pela forma corajosa como soube vencer as imensas dificuldades e pela forma combativa e dedicada como tratou dos problemas dos trabalhadores no Congresso.

CONGRESSO DA PAZ

De 9 a 14 de Julho realizou-se em Moscovo o CONGRESSO MUNDIAL PELO DESARMAMENTO GERAL E A PAZ. Estiveram presentes 2.500 delegados, observadores e convidados de 120 países das mais diversas categorias sociais, raças, ideologias e crenças religiosas. O CONGRESSO foi um grande acontecimento. O objectivo comum que unia e aproximava todos os congressistas era — defender a PAZ; livrar a Humanidade duma terrível guerra termo-nuclear.

Não querendo ouvir a voz dos povos do mundo inteiro, os imperialistas americanos fizeram explodir, uma bomba atómica a grande altitude, no dia da inauguração do Congresso.

Participou no Congresso uma delegação Portuguesa de que faziam parte as conhecidas persona-

lidades, prf. Dr. António José Saraiva, escritor Castro Soromenho e o adv. Dr. Rui Cabeçadas. Na sua intervenção foi divulgada a luta do povo Português pela paz, as condições em que as classes trabalhadoras e o nosso povo vivem sob a sangrenta ditadura fascista.

O CONGRESSO dirigiu uma MENSAGEM a todos os povos do mundo, exortando todos os homens a lutarem firmemente pela paz e pelo desarmamento. O grito da mensagem é: «É HORA DE ACTUAR».

Kruchov afirmou ante o CONGRESSO: «TODOS OS QUE QUEREM VIVER DEVEM LUTAR PELO DESARMAMENTO», acrescentando que a luta pela paz requer «ACÇÃO, ACÇÃO e mais ACÇÃO».

AUXÍLIO A «O CAMPONÊS»

Amnistia aos presos políticos.....	25\$50	Nossa vitória é justa...	20\$00
Abaixo a PIDE.....	7\$00	O povo Português é herói	2\$50
Bandeira Vermelha...	60\$00	Pela liberdade.....	70\$00
Idem.....	76\$50	Pela vitória.....	20\$00
Dois ceifeiros.....	20\$00	Viva a juventude.....	20\$00
Jovem amigo.....	30\$00	Venceremos em Angola	546\$50
		Total.....	897\$00